

FREGUESIA DE SILVES

História, Lendas e Símbolos



Ficha Técnica

Título

Freguesia de Silves - História, Lendas e Símbolos Heráldicos

Textos

Eduardo Brito (símbolos heráldicos)
Textos históricos: Fonte- Câmara Municipal de Silves

Fotografias

André Boto (capa), Amílcar Ventura,
Arquivo Municipal de Silves,
Bruno Cortes

Mapas e Desenhos

A. Sérgio Horta

Coordenação e Edição

Junta de Freguesia de Silves,
Outubro 2018

Impressão

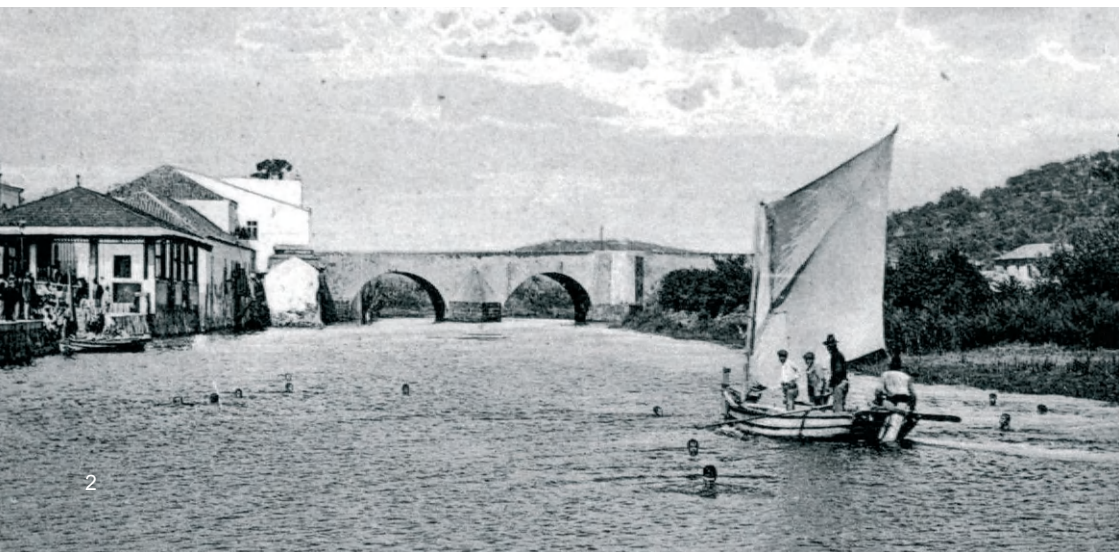
Gráfica Comercial de Loulé

Distribuição gratuita

Junta de Freguesia de Silves
Rua João de Deus, 21, 8300-161 Silves
Tel. 282 442 642
geral@jf-silves.pt | www.jf-silves.pt
www.facebook.com/freguesiadesilves

Índice

- 3 Prefácio
- 4 A Freguesia de Silves e a sua História
- 8 As suas Lendas
- 9 Os seus Símbolos Heráldicos
- 19 Evocação de Silves





Prefácio

Caras e Caros Silvenses,
Esta publicação pretende dar a conhecer o processo de criação dos símbolos heráldicos que passaram a representar a Freguesia de Silves.

A Freguesia de Silves era a única no concelho que não possuía o seu brasão, uma situação que se tornou importante corrigir. Em dezembro de 2017 iniciamos esse processo e em fevereiro de 2018 foi escolhida a proposta que veio a ser aprovada pela Comissão de Heráldica da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

É com muita satisfação e orgulho que damos a conhecer os

símbolos heráldicos da nossa Freguesia, inspirados na nossa história e que passam a fazer parte da nossa identidade e do nosso quotidiano.

Doravante, a Freguesia de Silves passará a estar representada pela sua bandeira e brasão no qual se destaca o escudo de ouro, o castelo vermelho, uma alfanje vermelha e uma espada azul, sobre as ondas do Rio Arade.

Esperamos que todos se sintam representados e próximos destes símbolos e que eles sejam uma expressão do orgulho de todos quantos nasceram, cresceram, viveram e vivem na FREGUESIA DE SILVES.

*O Presidente da Junta de Freguesia
de Silves
Tito dos Santos Coelho*



A Freguesia de Silves

Silves é uma das seis freguesias que constituem o concelho de Silves, tendo a sua sede na cidade do mesmo nome, está localizada no barlavento algarvio e integra a região do Algarve.

Orago

Nossa Senhora da Conceição

Área

117,45 km²

População

11.014 habitantes (2011)

Densidade populacional

62,1 hab./km²

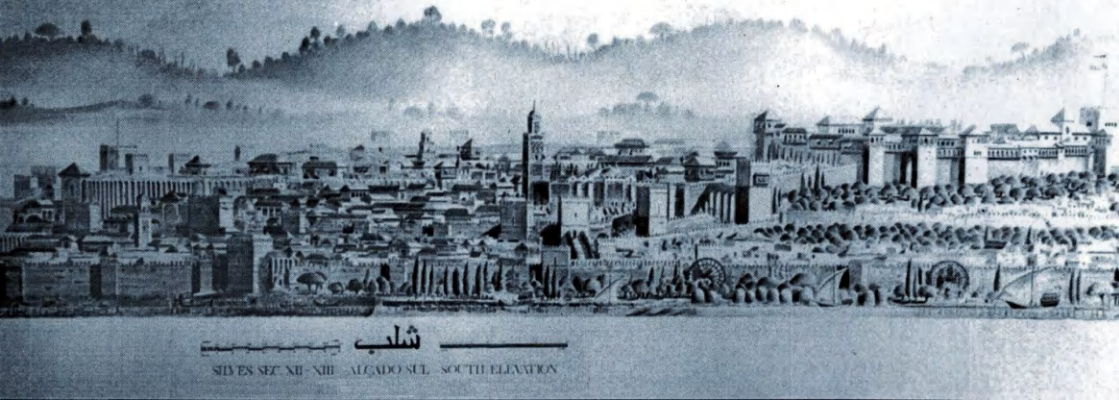
Gentílico

Silvense

Feriado Municipal

3 de setembro





Reconstituição de Xelb (Silves), em 1230 – Painel de Victor Borges

A sua História

A origem de Silves é difícil de determinar, dada a sua antiguidade. A arqueologia permitiu concluir que a região é habitada desde os tempos Pré-Históricos.

Silves terá tido origem, muito provavelmente, numa importante feitoria fenícia do 1º milénio a.C, a chamada Cilpes, que distava da atual cidade cerca de dois quilómetros. Encontram-se também vestígios da ocupação romana, no núcleo urbano da cidade.

A ocupação muçulmana foi a que exerceu maior influência no território, estando presente desde os séculos VIII a XIII. É durante este período, particularmente nos séculos IX a XII, que Silves se torna num importante centro económico, social e cultural, tendo recebido o título de “berço da poesia árabe-andalusa”, sendo conhecida como a cidade de filósofos e poetas,

como Ibn Caci, Ibn Ammar ou o rei Al-Mutamid.

No século XII a cidade, denominada Xelb (ou Xilb), era descrita por geógrafos como sumptuosa e imponente e comparada em grandiosidade com Lisboa, Sevilha e Córdoba. Do período de ocupação árabe datam os principais monumentos da cidade, dos quais se destacam o Castelo, importante fortificação militar, dos mais bonitos e bem conservados do país, a atual Sé e o Poço-cisterna almóada, exemplar único à escala mundial.



Silves, no século XVII – o mais antigo desenho de Silves, publicado na revista “Panorama”, em 1842

Em 1189, Silves foi atacada e tomada aos Almóadas por D. Sancho I com o auxílio de um contingente de Cruzados em trânsito para a Terra Santa. Após renhido combate a cidade rendeu-se pela sede. Nessa altura, D. Sancho I intitulou-se Rei de Portugal e de Silves.

Os muçulmanos retomaram Silves em 1191, tendo Al-Mansur dotado a cidade com fortes muros e infraestruturas de aprovisionamento de água.

Entre 1242 e 1246 a cidade é reconquistada definitivamente por D. Paio Peres Correia.

Em 1266, D. Afonso III concede a Silves um foral semelhante ao que havia sido atribuído a Lisboa, e em 1269 o mesmo rei concede aos mouros forros de Silves um novo foral, que será revogado em 1504 pelo de D. Manuel I.

Será a partir de 1267 que o reino do Algarve se assume, levando D. Afonso III a nomear um bispo, elevando Silves a sede episcopal e tornando-a capital de todo o Algarve.

No século XV, o infante D. Henrique é nomeado Alcaide-Mor de Silves, que era então uma cidade de considerável importância marítima, comercial e agrícola, possuidora de estaleiros de construção naval e de excelente porto fluvial, bem perto do Atlântico. Muitos dos seus moradores participaram, direta ou indiretamente, no processo dos Descobrimentos, sendo o mais conhecido Diogo de Silves, a quem se atribui a descobertas dos Açores, em 1427.

Durante os séculos XIV e XV Silves desfrutou de prosperidade por ser a capital do bispado e pelo seu florescente comércio marítimo. Os séculos seguintes trouxeram o assoreamento do rio Arade, a principal via de comunicação com o exterior, o que foi nefasto para a cidade que perde progressivamente a sua importância económica, política, religiosa e militar. Em 1534, a sede episcopal é mudada para Faro e a cidade enfrentou uma crise muito séria, agravada pelo Terramoto de 1755 que deixa pouco mais de uma dezena de casas habitáveis.

O renascimento da cidade dá-se com o aparecimento e forte desenvolvimento da indústria corticeira, nas últimas décadas do século XIX. Importante centro operário e industrial, prosperando em população e novas edificações, desenvolve-se política e culturalmente para as causas republicanas e sindicalistas que ainda hoje se reconhecem na toponímia das suas ruas. Silves torna-se o maior centro corticeiro do país, produzindo e exportando para todo o mundo.



Foral da Cidade de Silves



Silves, vista parcial, 1928

O Estado Novo irá quebrar este ciclo de expansão, forçando à deslocalização das fábricas de cortiça, para por termo às lutas operárias e reduzir a força dos sindicatos.

No ciclo mais recente, a freguesia assentou grande parte da sua atividade económica na agricultura de regadio e nos pomares de citrinos, que substituíram a produção de frutos secos. A produção de laranja, em particular, levou à criação da marca “Silves, Capital da Laranja”, a que se associa a marca “Vinhos de Silves”, que promove uma atividade económica, reconhecida com prémios internacionais.

O turismo associado ao património, cultura e gastronomia, ocupa um lugar relevante na economia da freguesia, um território muito vasto, com uma



Silves, cais de embarque, 1928

extensa área serrana e cujo centro urbano, a cidade de Silves, é um lugar cada vez mais visitado e procurado.

Lenda da Moura Encantada

Depois da conquista cristã formou-se no povo de Silves uma lenda que ainda hoje perdura.

Na noite de São João, à meia-noite, aparece na cisterna grande do Castelo de Silves uma moura encantada, navegando sobre as águas numa barca de prata de remos de ouro e entoando hinos da sua raça.

É uma princesa encantada que aguarda apenas a chegada de um príncipe da sua fé que pronuncie as palavras necessárias para a desencantar.

Lenda do Mouro de Chapéu de Aba Larga

Associado ao Castelo de Silves há uma lenda de um mouro encantado. Ele apareceria, com o seu chapéu de aba larga, de manhã, na parte norte do Castelo, desafiando as pobres lavadeiras que lá iam lavar roupa. De um modo geral, as lavadeiras faziam-lhe surriada e ele vingava-se fazendo cair, sobre elas, chuvas de pedra.

Quando no Castelo foram instaladas as prisões, o mouro desa-

pareceu. No entanto, os presos diziam que todas as noites, à meia-noite, sentiam estremecer todo o Castelo e, ao longo da madrugada, ouviam o mouro mexendo em papéis velhos.



Lenda das Amendoeiras

É uma das mais antigas e em Silves foi aplicada aos amores da nórdica Romaiquia e a Al-Mutamid, poeta e príncipe da cidade, filho do califa de Sevilha.

Conta a lenda que a bela princesa morria de saudades por não ver a neve, como na sua terra. Para lhe agradecer, o príncipe do Sul que a raptara, mandou plantar, em todos os campos, amendoeiras cujas flores alvas lhe lembrariam os flocos de neve. Curou-se a princesa das saudades e assim viveram felizes.



A Heráldica

A Heráldica é uma ciência de rigor, na simbologia, no grafismo e na própria linguagem, que estuda e descreve os brasões de armas ou escudos.

A heráldica autárquica encontra-se atualmente regulamentada pela Lei n.º 53/91, de 7 de agosto, cabendo à Comissão de Heráldica da Associação dos Arqueólogos Portugueses a emissão do respetivo Parecer com a ordenação heráldica do brasão, bandeira e selo.

As regras gerais da cor, da forma e da ordenação heráldicas, são completadas pela Lei n.º 53/91 e por outros documentos legais que condicionam e ao mesmo tempo valorizam o que constitui um brasão.

No que respeita à ordenação dos símbolos diz a Lei, no artigo 10.º, alínea a), que atendendo à regra da simplicidade se excluem os elementos supérfluos, utilizando apenas os necessários. Também diz, na alínea d), que a regra da estilização obriga a que os elementos devam ser usados na forma que melhor sirva à intenção estética da heráldica e não na sua forma naturalista. Já as leis gerais e as normas da heráldica, assinaladas na alínea f), indicam que a regra da iluminura proíbe sobrepor metal com metal (ouro ou prata) ou cor com cor (vermelho, azul, verde, negro ou púrpura).

A heráldica é uma ciência de símbolos, com uma linguagem própria e rigorosa. Por esta razão, representações paisagísticas e figuras humanas, representando profissões ou santos, devem ser representadas pela simbologia própria e não na forma naturalista ou como aparecem em pinturas e esculturas.

O processo de criação dos símbolos

Sendo a freguesia de Silves a única no concelho que ainda não possuía símbolos heráldicos devidamente ordenados, entendeu o Executivo da Junta de Freguesia, por deliberação de 11 de dezembro de 2017, iniciar o processo de criação dos mesmos.

O Executivo mostrou interesse em que o seu brasão fosse constituído por um escudo de ouro, no qual fossem representadas espadas árabes, a ponte medieval e um busto de moura.

Após estudada a história da freguesia e tendo em conta o pretendido pelo Executivo, bem como as leis e as normas da heráldica, foram elaboradas várias propostas, tendo sido, também, escolhidos outros símbolos, eventualmente pertinentes e importantes, que representassem a freguesia.

De entre as várias propostas apresentadas o Executivo, em reunião de 5 de fevereiro de 2018, deliberou escolher a que viria a corresponder aos atuais símbolos, remetendo-a à Comissão de Heráldica da Associação dos Arqueólogos Portugueses para a emissão do respetivo Parecer.

Ordenação heráldica do brasão, bandeira e selo

A Junta de Freguesia de Silves, do concelho de Silves, peticionou o parecer desta Comissão de Heráldica sobre os símbolos heráldicos que pretendia assumir.

A proposta apresentada não contém erros heráldicos, pelo que pode ser aprovado sem alterações.

Assim, é esta Comissão do parecer que os símbolos heráldicos da freguesia de Silves devem ser por esta forma constituídos:

Brasão



Escudo de ouro, castelo de vermelho lavrado de negro, aberto e iluminado de prata; em chefe, alfange de vermelho e espada de azul, ambos com punhos de negro, passados em aspa; campanha diminuta ondada de três burelas ondadas de azul e prata. Coroa mural de prata com quatro torres aparentes. Listel de prata com a legenda em letras negras maiúsculas: “FREGUESIA DE SILVES”.

Bandeira



Esquartelada de branco e vermelho. Cordões e borlas de vermelho e prata. Haste e lança de ouro.

Selo



Nos termos do art.º 18.º da Lei 53/91, com a legenda “Freguesia de Silves”.

Parecer n.º 002/2018, emitido pela Comissão de Heráldica da Associação dos Arqueólogos Portugueses a 8 de março de 2018, nos termos da Lei n.º 53/91, de 7 de agosto.

Estabelecidos, sob proposta da Junta de Freguesia, em sessão ordinária da Assembleia de Freguesia, de 9 de abril de 2018.

Publicados no *Diário da República*, 2.ª série, N.º 77, de 19 de abril de 2018.

Registados na Direcção-Geral das Autarquias Locais com o n.º 7/2018, de 7 de maio de 2018.

ADP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Comissão de Heráldica

Ordenação heráldica do brasão, bandeira e selo da freguesia de Silves, do concelho de Silves

PARECER N.º 002/2018
(Lei n.º 53/91, de 7 de Agosto)

A junta de freguesia de Silves, do concelho de Silves, peticionou o parecer desta Comissão de Heráldica sobre os símbolos heráldicos que pretendia assumir.

A proposta apresentada não contém erros heráldicos, pelo que pode ser aprovado sem alterações.

Assim, é esta Comissão do parecer que os símbolos heráldicos da freguesia de Silves, devem ser por esta forma constituídos:

Brasão: escudo de ouro, castelo de vermelho lavrado de negro, aberto e iluminado de prata; em chefe alfange de vermelho e espada de azul, ambos com punhos de negro passados em aspa; campanha diminuta ondulada de azul e prata.

Coroa mural de prata com quatro torres aparentes. Listel de prata com a legenda em letras negras maiúsculas: "FREGUESIA DE SILVES".

Bandeira: esquadrelada de branco e vermelho. Cordões e borlas de vermelho e prata. Haste e lança de ouro.

Selo: nos termos do art.º 18.º da Lei 53/91, com a legenda "Freguesia de Silves".

Lisboa, 8 de Março de 2018

O Secretário da Comissão de Heráldica,
João Portugal

Diário da República, 2.ª série — N.º 77 — 19 de abril de 2018

FREGUESIA DE SILVES

Editais n.º 414/2018

Ordenação Heráldica: Brasão, Bandeira e Selo

Tito dos Santos Coelho, Presidente da Junta de Freguesia de Silves, do município de Silves:

Torna pública a ordenação heráldica do brasão, bandeira e selo da Freguesia de Silves, do município de Silves, tendo em conta o Parecer emitido em 8 de março de 2018, pela Comissão de Heráldica da Associação dos Arqueólogos Portugueses, e que foi estabelecido, nos termos da alínea p), do n.º 1 do artigo 9.º da Lei n.º 75/2013 de 12 de setembro, sob proposta desta Junta de Freguesia, em sessão da Assembleia de Freguesia de 9 de abril de 2018.

Brasão: escudo de ouro, castelo de vermelho lavrado de negro, aberto e iluminado de prata; em chefe, alfange de vermelho e espada de azul, ambos com punhos de negro, passados em aspa; campanha diminuta ondulada de três burelas onduladas de azul e prata.

Coroa mural de prata com quatro torres aparentes. Listel de prata com a legenda em letras negras maiúsculas: "FREGUESIA DE SILVES".

Bandeira: esquadrelada de branco e vermelho. Cordões e borlas de vermelho e prata. Haste e lança de ouro.

Selo: nos termos do artigo 18.º da Lei n.º 53/91, com a legenda "Freguesia de Silves".

10 de abril de 2018. — O Presidente da Junta de Freguesia de Silves,
Tito dos Santos Coelho.

311267013

DCAL DIRECÇÃO-GERAL DAS
AUTARQUIAS LOCAIS

Registo nº *002* ENTRADA
Data Rec. *05/05/2018*

Em(s). Senhor(s)
Presidente da Junta de Freguesia de Silves
Rua João de Deus, 21
8300-161 SILVES

Sua referência: 05.132
Sua comunicação: 2018/0018
Nossa referência: 71.006.18/DECEA

ASSUNTO: Registo de heráldica

Na sequência do solicitado, e em conformidade com o disposto na Lei nº 53/91, de 7 de agosto, informo-se V. Exa de que os símbolos heráldicos dessa Freguesia ficaram, nesta data, registados na Direcção-Geral das Autarquias Locais, sob o nº 07/2018.

Com os melhores cumprimentos,

A Directora-Geral
Sónia Ramalhão
Sónia Ramalhão

Solicita-se que na resposta seja indicada a referência e o nº do processo

800-16-0000-1111111111

800-16-0000-1111111111

800-16-0000-1111111111



Escudo de ouro

Representa a nobreza e a sabedoria do povo de Silves, bem como a sua riqueza cultural, desde o tempo de domínio árabe até aos nossos dias, e a sua riqueza agrícola, com a produção de frutos secos, de vinhos e de citrinos, em particular da laranja.

Coroa mural de prata com quatro torres aparentes

Segundo o entendimento atual da Comissão de Heráldica, para as freguesias com sede em cidade e para as freguesias com sede na mesma localidade que o município (como é o caso de Silves), a coroa mural deverá obedecer às mesmas características que a das freguesias com sede em vila, em virtude de, no que respeita à coroa mural, a Lei n.º 53/91 no n.º 2 do artigo 13.º ser omissa, quanto às características a que esta deve obedecer.



Listel de prata com a legenda em letras negras maiúsculas: "FREGUESIA DE SILVES"



Bandeira esquartelada de branco e vermelho

A bandeira ostenta esta configuração para se diferenciar da bandeira lisa (vermelha) do município (fig. 1), sendo esquartelada com as cores do brasão do antigo Reino do Algarve (fig. 2), do qual Silves foi a sua capital¹.



Fig. 1 - Bandeira e brasão do município de Silves, aprovados pela Comissão de Heráldica em 3 de junho de 1925

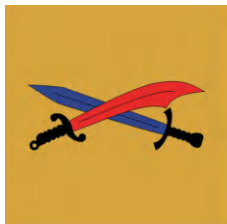
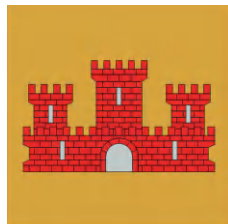


Fig. 2 - Bandeira (pressuposta) e brasão do antigo Reino do Algarve.

Justificação das cores e símbolos

Castelo de vermelho lavrado de negro, aberto e iluminado de prata

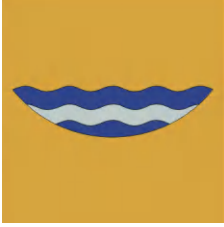
Representa o Castelo de Silves, uma das mais notáveis obras de arquitetura militar que os árabes edificaram, sendo o maior castelo do Algarve. Situado no ponto mais elevado da colina em que a cidade assenta, o Castelo apresenta uma planta poligonal irregular, rodeado por uma forte muralha em taipa, revestida a arenito vermelho, o chamado grés de Silves.



Alfange de vermelho e espada de azul, ambos com punhos de negro, passados em aspa

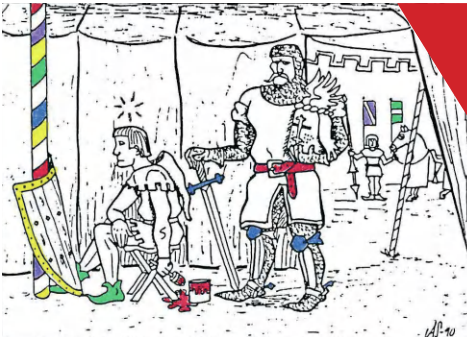
Como símbolo das várias lutas que aqui se travaram, da presença árabe em Silves, representada pelo alfange, e posteriormente pela sua conquista por D. Sancho I e reconquista por D. Paio Peres Correia, representada pela espada.

Justificação das cores e símbolos



Campanha diminuta ondada de três burelas ondadas de azul e prata

Representa o rio Arade que, graças à sua navegabilidade, contribuiu para que vários povos se fixassem em Silves, tendo sido também um dos fatores que teve forte impacto no desenvolvimento em vários períodos da sua história. O rio, que motivou o desenvolvimento da cidade, veio dar um contributo importante para o seu declínio, agravado pelo assoreamento do mesmo.



Projeto e conceção dos símbolos

A. Sérgio Horta
e Eduardo Brito

Desenho dos símbolos

António Sérgio Horta

Justificação das cores e símbolos

¹ A respeito do brasão do antigo Reino do Algarve, no Parecer referente aos símbolos heráldicos do município de Silves, Afonso de Dornellas diz:

O Algarve como qualquer outro Reino, teve as suas armas, que de há muito andam esquecidas e que o acaso me fez conhecer pelo Atlas de Matthoe i Sentteri, impresso no terceiro quartel do século XVIII, aonde na carta de Portugal e dos Algarves, veem as respetivas armas coroadas.

*Neste Atlas há um mapa de Portugal e Algarve que tem as armas destes dois Países, (...) as do Algarve es-
quarteladas de ouro com uma cabeça de carnação negra de turbante, de perfil e de vermelho com uma cabeça de carnação branca coroada.*

O mapa a seguir é de Espanha e de Portugal, tendo (...) em separado as armas de Portugal com oito castelos e as do Algarve com as mesmas cabeças do antecedente sendo a de carnação negra em campo de prata e a de carnação branca em campo vermelho.

Temos portanto duas formas (...) para as armas do Algarve (...) com a cabeça negra em campo de ouro e depois em campo de prata.

Mais recentemente a Junta Regional do Algarve do CNE (Corpo Nacional de Escutas) solicitou à Comissão de Heráldica o

seu Parecer relativamente aos símbolos que deveria usar para representar esta região.

Num artigo, de Miguel Ângelo Boto, publicado no livro *Pistas ao Sul: História do Corpo Nacional de Escutas no Algarve*, editado em 2001 pelo Corpo Nacional de Escutas: Região do Algarve, este escreve:

Assim, após os devidos alvitre a Comissão de Heráldica descreve o Brasão de Armas do Algarve que surge por vezes em antigos mapas para indicação da região que coincide com o “Reyno do Algarve” e as descreve: esquartelado: Iº e IVº quartéis com campo de prata carregado com cabeça de mouro fodada



Mapa do Reyno do Algarve

também de prata voltada para a dextra, IIº e IIIº de campo vermelho com cabeça de Rei Cristão, de frente, coroado de ouro. Refere-se que por vezes os Iº e IVº quartéis aparecem em ouro sendo o mais correcto em prata e que os Reis Cristãos deverão ter figura alourada e de olhos azuis, aludindo à sua origem europeia como sucessores de Dom Henrique, pai de Dom Afonso Henriques, que como todos sabem é de origem francesa. Em heráldica os mouros deverão aparecer de tez negra.

Evocação de Silves, de Al-Mu'tamid

*Saúda, por mim, Abu Bakr,
os queridos lugares de Silves
e diz-me se deles a saudade
é tão grande quanto a minha.
Saúda o Palácio das Varandas,
da parte de quem nunca o esqueceu,
morada de leões e de gazelas
salas e sombras onde eu
doce refúgio encontrava
entre ancas opulentas
e tão estreitas cinturas.
Moças nêveas e morenas
atravessavam-me a alma
como brancas espadas
como lanças escuras.
Ai quantas noites fiquei,
lá no remanso do rio,
preso nos jogos do amor
com a da pulseira curva,
igual aos meandros da água,
enquanto o tempo passava...
ela me servia vinho:
o vinho do seu olhar,
às vezes o do seu copo,
e outras vezes o da boca.
Tângia-me o alarúde
e eis que eu estremecia
como se estivesse ouvindo
tendões de colos cortados.
Mas se retirava as vestes
grácil detalhe mostrando,
era ramo de salgueiro
que me abria o seu botão
para ostentar a flor.*



